

REVISTA

DE

Arte e critica

SERIE 1.ª

Fascículo n.º 42

AVE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, 15 DE DEZEMBRO DE 1899

CHRONICA



OU fallar-lhes d'alguns homens de letras da Italia.

Ainda ha pouco, num largo e elogiosissimo artigo acerca do *Sonho da Torrente* de José Agostinho d'Oliveira, o illustre escriptor italiano sr. Luigi Zuccaro signalava, na esplendida revista de Messina, *Iride Mamertina*, do notavel poeta sr. F. Italo Giuffré, as particulares sympathias da *Ave-Azul* pela exuberante e a todos os respeitos interessantissima litteratura italiana: tinha rasão o abalisado professor de Reggio: o prodigioso movimento intellectual que, á hora presente, se vae operando nessa terra que foi, é e cremos bem que será, por muitos seculos ainda, a *alma-parens* da nossa Raça, merece-nos subido interesse; e estas paginas mais uma vez irão testemunhal-o e justificar-o tambem.

E antes de mais, esta notula:—a *Esperia*, excellente revista de Caserta, superiormente dirigida pelo distincto homem de letras sr. Pietro de Franciscis, accusava, no seu numero d'outubro, a recepção de nada menos de sessenta ou sessenta e tantos volumes recentemente publicados na Italia (dos quaes,

vá de passagem, a quarta parte, pelo menos, firmados por senhoras...) e o apparecimento, tambem recente, d'uma verdadeira alluvião de revistas scientificas e litterarias, das quaes apontava quarenta ou quarenta e tantas... promettendo continuar!

Vamos que, d'esta vez ao menos, o ponto de admiração não pode ser taxado de descabido...

E agora a causa occasional d'estas paginas,—qual é referir-me a quatro escriptores italianos, por quem professamos não só particular consideração mas ainda uma estima muito particular: os srs. Antonio Padula, F. Italo Giusfré, Luigi Zuccaro e Thomazo Cannizzaro.

*

* *

Antonio Padula:—D'este notabilissimo escriptor napolitano, que não se cansa de penhorar-nos com os seus obsequios, recebemos, ha tempos já, dois novos opusculos, ambos valiosissimos: um—a sua *Versão italiana da Allocução* pronunciada pelo Ex.^{mo} Bispo-Conde na 1.^a communhão do Principe-Real (edição de 100 exemplares que não entraram no mercado); outro — *Criterii sulla Educasione morale e civile nelle scuole*, subordinado á sentença de Leibnitz:—Ponde-me a educação na mão e mudarei a face do mundo —: mas a educação como a comprehendia Kant e que consiste, como elle proprio escreveu, em desenvolver no individuo toda a perfeição de que é capaz.

Da versão, se dissermos que ella é fiel e elegantissima, certo não surprehenderemos os nossos leitores, pois al não era d'esperar de quem tão bem maneja o idioma patrio e tão bem conhece o nosso idioma.

Do segundo trabalho tolhe-nos a mingua d'espaco de lhe fazermos a larga e justamente elogiosa apreciação de que é merecedor: fique porem, desde já lavrado o compromisso de voltarmos a occupar-nos d'elle, por quanto a materia que nelle tracta—e proficientemente a tracta, como quem em tão mo-

mentoso assumpto competentissimo—de ha muito nos suscita o maximo interesse.

De resto, estas linhas miram apenas a agradecer-lhe os exemplares com que se dignou brindar-nos; não, de forma alguma, a fazer-lhe reclamo, que o não precisa o illustre publicista a quem o nosso paiz e a nossa litteratura tanto devem. O nome e as obras do sr. Antonio Padula impõem-se á consideração não só da Italia mas da Europa toda.

Commendador da R. M. Ordem de N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da S. M. Ordem Gerosolimitana do Santo Sepulchro; Cavalleiro da Ordem Teutonica d'Austria-Ungria; socio d'um sem-numero de Academias Litterarias, Artisticas e Scientificas, entre as quaes da Academia R. das Sciencias e da Sociedade de Geographia de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da R. Acad. das Boas-Lettras de Barcelona e Sevilha, da Sociedade Scientifica e Litteraria de Alais, da Sociedade de Sciencias, Lettras e Artes de Londres, da I. Academia *Adder* de Vienna; condecorado com a Medalha d'honra da Instrução Publ. de Venesuela:—da exposição, aliás incompleta, dos seus titulos honorificos resalta bem claro que não é lisonja, mas simples justiça, o nosso asserto que alguém, por menos circumpecto, talvez acoimasse de exagerado.

Note-se ainda que, se em nosso juizo todas essas honras valem como seguros argumentos do seu merito e illustração, é porque a cada uma d'ellas corresponde pelo menos uma obra em beneficio dos paizes cujos governos ou cujas academias por essa forma lhe significaram a sua consideração e reconhecimento. Ahi está que á resenha-supra dos seus titulos temos nós que accrescentar agora mais um—o de Commendador da Ordem de Christo—com que o nosso governo ultimamente o agraciou por se ter associado, tão galhardamente, aos nossos Centenarios da Descoberta da India e do Nascimento de Almeida Garrett, com os dois preciosos opusculos de que em tempos aqui demos noticia—*Il 20 maggio 1498 e Il Centenario di Almeida Garrett*.

E, pois que fallamos d'este infatigavel lusophilo, cuja Conferencia sobre *Camões e os novos poetas portuguezes*, traduzida pelo sr. Ferreira de Faria, veio publicada nos dois ultimos fasciculos da *Ave-Azul*, de justiça é fazermos menção de mais dois artigos, curiosissimos, por elle firmados no *Scaramucia* de Florença, um sobre o *Poema de Camões* do sr. dr. Th. Braga, outro sobre a *Visão dos Tempos* do mesmo illustre escriptor e, particularmente, sobre o poemeto *A ameaça de Prometheu* com que fecha a 1.^a parte *Cyclo da Fatalidade* d'aquella Epopeia, que o sr. A. Padula classifica de grandiosa.

Acrescentemos ainda, que, entre as muitas obras que tem em vias de publicação, se annunciam a Versão, precedida d'um exame critico, do notavel poema dramatico *O Rei Galaor* de Eug. de Castro e a Versão, com prefacio, notas e uma carta do auctor, do poema cavalheiresco do sr. dr. Th. Braga *A Ondina do Lago*: isto sem fallarmos da sua Versão de *A morte da Avesinha*, de José Agostinho d'Oliveira, que deve vir publicada no *Scaramucia* d'este mez e da do *Sonho da Torrente* que o sr. Antonio Padula nos participa estar já quasi concluida.

E a quem tenha, como eu, acabado de reler, de saborear, mais uma vez, a sua encantadora versão da *Salomé*, onde a musica natural do idioma e a magistral compostura do estylo como que nem deixam sentir a falta de metro e de rima, de mais fôra tudo quanto eu dizer pudesse para encarecer o valor d'estes seus trabalhos: [alem de que, isto é apenas uma resenha sem pretensões a critica.

*

* *

E. Italo Giuffré:—Um poeta a valer—que deve ser poeta mesmo quando ensina, porque d'elle tenho eu aqui um discurso (*Il Problema didattico*) por elle lido aos seus alumnos em Patti, onde o poeta a par do orador se nos revella, a poesia e a eloquencia ambas realçando as altas ideias e as vistas lar-

gas do pedagogo. Pois, senhores: quanto a mim, creio bem que é de professores assim que a mocidade precisa: professores que lhe fallem ao coração e á imaginação; e não apenas á intelligencia; e muito menos, Deus meu! á memoria apenas. E aqui o temos nós a elle protestando tambem contra os que trazem sempre na bocca a maxima de Cicero:—*tantum valet quantum memoria retinet*—sem entenderem ou sem quererem entender que aqui, como nas palavras de Dante—*... Non fa scienza senza lo ritenere avere inteso*—, se tomava a memoria no sentido de espirito, intelligencia, sabedoria, em conformidade com a sua etymologia:—de *men*: *mens*:—d'onde a Memoria ou Mnemosyne, mãe das nove Musas e Minerva ou Menerva, deusa da intelligencia, da sabedoria, das sciencias e das artes, bella personificação do pensamento que fulgurava no cerebro do divino Jupiter—do espirito, do genio, em summa, como bem se deduz do verso horaciano:—*Tu nihil invita dices faciesve Minerva...*

Mas ahi ia eu levado, mar em fóra, numa desaforadissima Odissea de divagações inopportunas! Nada: forçoso é colher as velas... D'este discurso, todo e le primoroso na forma e nas ideias proveitosissimo, bem merecendo mais que uma simples referencia—a sua reedição (no original, á minigua de versão condigna) nas paginas desta revista—quero só, por descargo de consciencia, fazer sequer menção do largo trecho (umas nove ou dez paginas) em que o illustre poeta e abalisado professor nos falla—e que bem e que consoladoramente bem!—da *mulher-educadora* e da educação da mulher portanto: trecho que ainda um dia havemos de dar, tradusi-o melhor que pudermos, aos leitores, e sobretudo ás leitoras, d'esta revista que por tão nobre objectivo tem pugnado, com applauso (honra lhes seja!) do publico e da imprensa a quem, por tal motivo, ella rende as devidas graças.

Mas o poeta reclama pelos seus direitos: tem toda a razão o poeta: que do nobre poeta que é o sr. F. Italo Giuffré, tenho eu aqui sobre a banca, ao lado do seu citado discurso, nada menos que uma plaquetta e um livro, ambos de versos

e de bellos e generosos versos, como firmados que são pelo auctor d'aquellas deliciosas lyricas *Canti di Primavera*; d'aquella preciosa vintena de soberbos sonetos *Scyllaea et Pompeiana*, á memoria de D. Vitrioli; e ainda, d'aquelles sentidos sonetos, por assim dizer, religiosos, cultuaes, eucharisticos, de que, como das duas obras anteriores, aqui se deu noticia em tempos e que elle publicou *Per il 1.º centenario della nascita di Giacomo Leopardi*...

Pois é ainda d'esse alto poeta incomprehendido que, como Dante foi *la stella del mattino*, bem se pode dizer que é *la stella de l'ocaso*, é ainda d'esse alto poeta—Cantor da Morte e do Amor: Cantor da Vida, portanto!—que o sr. F. Italo Giuffré nos falla no volume: d'elle e do seu triumpho; que *Il Trionfo de G. Leopardi* se intitula este poema lirico de nada menos que cem sonetos, com um *Intermezzo* de oito pequeninas poesias dentre as quaes destaco, como superiores, no meu entender, a primeira e a ultima, *Coro di Morti* e *Nenie d'Autunno*, ambas repassadas d'uma intima, d'uma suprema, d'uma infinita melancholia, que doe, que confrange, que faz mal, á força de bem que nos enebria a alma!

Gli Amori se intitula a plaquetta: é a traducção, em verso, da 11.ª Ecloga de Tito Calpurnio Siculo... Titus Calpurnius Siculus: não conhecem; não é verdade? Mas conhecem decerto os lidos em Historia Romana a Familia Calpurnia que fazia remontar a sua origem a Calput, supposto filho de Numa Pompilio... e não sei eu se da Nympha Egeria tambem. O sangue do Rei revelou-o ella na sua ambição do mando, pois nada menos de onze consules (entre os quaes L. Calpurnio Pisão que pela pureza dos seus costumes mereceu aos seus contemporaneos o glorioso cognome de *Frugi*) contou ella desde 574 de Roma, em que ascendeu ao consulado, até á morte de Augusto, 14 depois de Christo. Pois o sangue da Nympha, o sangue da Inspiradora (*Egeria*: de *ago*—?—impellir, inspirar...) veio ella a revelal-o, tres seculos mais tarde, se me não engano, um pouco dessorado, é certo, perdido o *quid* de divindade atravez de tantas humanisações, na

peessoa d'um seu descendente, Titus Calpurnius, appellidado Siculus por ter nascido na Sicilia, poeta bucolico á maneira de Vergilio, de cuja vida pouco se sabe, mas que muito do seu tempo nos faz saber pelos seus versos: que o diga Gibbon que grande proveito tirou da sua 7.^a Ecloga, onde um pastor, recémchegado de Roma, faz a narração dos grandes jogos do Circo, dados por Carino em 284. Não lhe conheço as eclogas no original, mas só a versão franceza de Cabaret-Dupaty: quero crer porem, que não fez grandes honras aos seus avós, os consules: imitando o amigo de Pollião, não conseguiria talvez fazer o que fez o Mestre: *Si canimus silvas, silvae sint consule dignae*. . . E menos honras fez ainda ás Musas da Sicilia que inspiraram Vergilio e que tinham antes inspirado Theocrito. . . *Parce sepultis!* Aqui está um poeta, tambem siciliano, a vingar o seu patricio dos commentarios pouco li-songeiros que á sua memoria eu ia fazendo: e bem vingado o deixa, que a sua 11.^a Ecloga é um encanto. . . assim vertida para verso italiano.

Após um rapido proemio de apresentação, um pastor e uma pastora, Mopso e Licida, conversam de seus amores, alter-nando ternos queixumes: *Amant alterna Camenae*. . .

Amar: cantar:

*Chi ama, canti; i carmi placano
Le febbrili ansie del cor...*

Amac: cantae, pastores:—cantae: amae, poetas:

*Chi ama, canti; i carmi placano
Le febbrili ansie del cor.*

*

* *

Luigi Zuccaro:—E' tambem professor: não sei porem, se é poeta; nem eu d'elle mais sei senão que é um excellente linguista, mais ainda, um philologo excellente, como bem pro-vado deixou na sua versão commentariada da *Arte poetica* de

Boileau e nas suas obras originaes *Le Lettere e le Arti italiana alla corte di Francesco I, re di Francia* e *Studi letterari*, sobre o Marinismo, o Gongorismo e Preciosismo e a *Henriada* de Voltaire; e ainda nos trabalhos didacticos *Précis historique de la littérature française* e *Grammaire lexicologique italienne-française*, feitos de collaboração com o professor A. Legnazzi. Isto só vale muito; mas, para nós, muitissimo mais vale ainda ser elle um profundo conhecedor da nossa lingua e um devotado vulgarizador da nossa litteratura: que o diga a sua versão do romance de Camillo *Libro de Consolazione* a publicar-se no *Calabria* sob o titulo de *Il romanzo dell' esule...*

Não é porem, agora occasião de me occupar d'este seu trabalho, tanto mais que só poderia apreciar-o do confronto, com o texto original, da versão do 2.º, 3.º e 4.º capitulos, que pude ler numa folha annexa ao n.º 24 do supra-citado jornal.

O que eu venho é accusar a recepção, agradecendo, e muito, a offerta, d'um exemplar da sua obra *Esaltazione del Duca d'Aosta al trono di Spagna*, traducção, auctorizada pelo auctor, da 2.ª parte dos *Recuerdos de Italia* de Victor Balaguer. E accusar-lhe a recepção apenas: porquanto a sua critica está de ha muito feita; ou antes, e mais rigorosamente, está de ha muito feito o seu elogio. Sob a epigraphe *Un bel libro e Un buon libro*, consagraram-lhe a *Opinione* de Roma e *L'Ordine* de Messina os mais rasgados louvores: e o mesmo fizeram, transcrevendolhe numerosos trechos, a *Gazzetta del Popolo* de Turim, *Il Caffaro* de Genova, *Le Staffile* de Florença, *Il Veneto* de Padua e, finalmente, a *Iride Mamertina* de cuja apreciação, toda ella elogiosissima, me permitto transcrever estas poucas palavras que são tudo o que ha de mais honroso para um traductor: «—... una traduzione condotta com intento artistico, che ha il merito non di trasportare le parole da una lingua all'altra, mas di trasportarne tutte le bellezze.»

E' este realmente o meu juizo tambem; mas, não possuindo a obra original e conhecendo muito pouco o italiano, nada

valia que eu o dissesse; muitissimo, que o diga uma das melhores revistas de Italia, que tantas, e excellentes, possui.

O que eu posso affirmar—e isso com toda a consciencia, porque as li e alguns trechos os reli até—o que eu posso affirmar é que essas cento e tantas paginas instruem, como de boa historia que são, e deleitam, como se de romance, e bom romance, fossem. E que de boa historia são garante-o, alem do character e talento do auctor, a circumstancia de ter elle sido testemunha e participante d'aquillo que narra—a guerra da independencia de 1859, em que Balaguer tomou parte *como soldado* e a exaltação do duque d'Aosta em que tomou parte *quasi como rei*. De resto Victor Balaguer, jornalista, primeiro, depois, seguidamente, deputado, senador, ministro, é julgado, sem contestação possivel, um dos mais eminentes homens de letras da Hespanha e a sua obra *Recuerdos da Italia* rival, em merecimento, da obra do mesmo titulo, devida ao genio de E. Castellar.

Quanto á versao que, por auctorisada pelo illustre estadista, não soffre duvidas quanto á fidelidade, offereceu o illustre professor de Reggio a sua 1.^a parte ao Principe Real Victor Manuel que lh'a agradeceu numa carta muito honrosa, testemunhando-lhe ainda o subido apreço em que a tinha com o brinde d'uma joia valiosissima; a 2.^a, esta que tenho em frente, offerece-a ao Principe Manuel Filisberto, duque d'Aosta, filho do inclyto e bem amado Amadeu, que é d'ella, por assim dizer, o protagonista.

A *Ave-Azul*, saudando o insigne lusophilo, a quem só agora teve a honra de conhecer, apresenta-lhe, ao mesmo tempo, as suas homenagens e agradecimentos pelas boas palavras com que se dignou obsequia-la no artigo de critica a que já, de passagem, me referi.

*

*

*

Thomazo Cannizzaro.—Ainda um valente e indefesso lusophilo, este, e, como o primeiro, como o sr. Antonio Padula,

desde muito já conhecido dos leitores da *Ave-Azul*, que d'elle puderam apreciar a bella versão da minha *Georgica*.

Excellent traductor d'algumas das melhores Lyricas de Garrett e dos Sonetos todos de Anthero, o sr. Thomazo Cannizzaro breve nos dará, pois tem-na já concluida, a versão de *Os simples* de Junqueiro. Quem tiver lido os *Sonetti Completi* sabe já o que serão *Os Simples*, a melhor obra lyrica do nosso tempo, vertidos para a poetica lingua do Dante por um dos maiores poetas da Italia d'hoje: que como tal tem sido saudado o sr. Th. Cannizzaro por espiritos da envergadura de G. Storck, F. Packler, G. Bjorkman e A. de Quental, que o considerava um poeta *completo* e classificava de verdadeiramente extraordinario o seu conhecimento das linguas e litteraturas estrangeiras. Aos que porem, não conheçam aquella obra-prima da nossa litteratura tornada uma obra-prima da litteratura italiana, dir-lhes-ei que as versões do sr. Th. Cannizzaro obedecem sempre a este principio—não trahir nunca por nunca o fundo, a essencia do pensamento, sentimento ou imagem do auctor; e isto, por forma que a obra tradusida tenha todo o movimento e toda a espontaneidade d'uma obra original. Para isso tracta, primeiro que tudo, de possuir bem o texto, no seu pensamento e na sua metrica: depois de reproduzir, com a possivel fidelidade, esta e aquella, vencendo ou attenuando as differenças que vão d'uma para outra lingua. Assim procedeu elle com os Sonetos de Anthero; assim sabemos que procede com *Os Simples* de Junqueiro. Sem duvida d'esta vez encontrou elle maior somma de difficuldades, dada a variedade de metros e a singularidade de expressão também: refiro-me, nesta ultima parte, aos modos de dizer tirados da linguagem, da vida e das crenças do nosso povo, a que difficillimo deve ter sido encontrar equivalentes em italiano. E, todavia, estou inteiramente convencido de que o illustre poeta venceu essas difficuldades: porque sei quanto elle foi cuidadoso em ler, compulsar e consultar tudo o que lhe podia servir de elucidação. Assim só quanto á metrica é que algumas alterações se lhe poderão notar: mas essas mesmo, dada

a identidade de cadencia e a quasi equivalencia de accentuação, insignificantes: a troco d'ellas conseguindo este grandissimo resultado de não prejudicar o texto, de o reproduzir, em summa, em toda a sua essencia.

E, se assim fallo, é porque, entre os muitos favores que á amabilidade do sr. Th. Cannizzaro devo, como um dos que mais me penhoram conto o de me ter informado do modo como levou a cabo esta sua nova obra que certamente, como a anterior, ficará constituindo para o auctor um verdadeiro triumpho, para portuguezes uma gloria, para italianos um thesouro e para italianos e portuguezes mais um laço, e fortissimo, a prendel-os num abraço de fraternal sympathia e de espiritual fraternidade.

E, pois que fallei do sr. Th. Cannizzaro, termino por desempenhar-me, gostosamente, do encargo que me confiou a directora d'esta revista, de tornar publico o seu reconhecimento para com o illustre poeta—reconhecimento que, de todo o coração, partilho—pela honra que lhe fez de verter para esplendidos versos italianos a sua poesia *Os tres cavalheiros*, publicada num dos passados n.^{os} da *Ave-Azul*, tambem tradusida já para francez, em deliciosa prosa rythmada, pelo delicado e suggestivo poeta Mr. Philéas Lebesgue, auctor do *Sonnet d'Automne* que os leitores da *Ave-Azul* puderam apreciar na *Salla de visitas* do ultimo fasciculo. A ambos pois, os agradecimentos d'ella e meus.

*
* *
*

E chegada, com o fim do anno, ao fim da 1.^a serie, a *Ave-Azul*—aos seus prestimosos assignantes, aos seus amaveis collaboradores e leitores, aos camaradas d'imprensa, e aos homens de letras, portuguezes e estrangeiros, que a teem acolhido com agrado—envia *boas-festas*, rogando-lhes a continuação dos seus favores para a sua 2.^a serie e fazendo votos para que o Novo-Anno a todos traga muitas e muitas felicidades.

CARLOS DE LEMOS

SALLA DE VISITAS

De Mr. ARY RENÉ D'YVERMONT:

IMPLACABLE!

à Carlos de Lemos & Beatriz Pinheiro

Elle était assise maintenant sur le divan, abattue, les poings serrés, le chapeau encore posé sur sa tête blonde, la voilette tirée sur le visage et le manteau collant sur ses épaules.— Elle n'avait pas eu la force de se déshabiller; cette dernière visite faite à la morte l'avait profondément frappée.

Le remords se faisait de plus en plus intense dans le cœur de Julienne Darc, ce remords aigu et tenace qui criait continuellement dans ses oreilles l'acte de sa trahison.

En quelques heures elle avait vécu des années, elle avait vieilli: mais, malgré le rappel du souvenir, elle ne pouvait verser une seule de ces larmes qui sont le vrai soulagement du cœur.

Ses yeux brillaient d'une lueur fauve, sa voix était rauque; mais, malgré cela, pas un pleur ne roulait sur ses joues, ce pleur qui est l'unique épanchement de l'être qui souffre.

Ses mains se crispaient le long de ses habits noirs; mais elle se sentait impuissante de secouer sa décrépitude morale. Elle aurait voulu crier, supplier, implorer du secours: mais elle ne le pouvait pas, ses lèvres se refusaient à s'ouvrir, elle grelottait prise d'un froid glacial, tandis que sa pensée, un instant perdue dans le lointain des années, revenait brusquement dans la réalité du présent.

Elle voyait — elle pensait — elle se rappelait.— Lidia gisait sur son lit virginal, toute blanche, les yeux fermés pour toujours.

Entortillé dans ses doigts, elle tenait un vieux rosaire d'ivoi-

re; tout autour de son cadavre étaient éparses des fleurs candides, des fleurs dans les replis de sa robe blanche, des fleurs à ses pieds, des fleurs sur le divan, sur les chaises, sur les tables, des fleurs sur les tapis, des fleurs partout et toujours des fleurs; aussi la chambre semblait être imprégnée du parfum suave des roses pourpres, des pâles violettes, des orchidées superbes et toutes ces odeurs mixtes semblaient monter, semblaient envahir le cerveau, lui légant une douloureuse impression de tristesse.

Lidia dormait, du dernier somme; en vain une riche gerbe d'œillets blancs se fânait sur sa poitrine: elle gisait maintenant froide et muette pour jamais.

Julienne avait beaucoup aimé son amie Lidia et Lidia avait eu presque un culte pour la blonde Julienne; mais un beau jour un homme s'entremît et en fit d'elles deux implacables ennemies, elles qui s'étaient si profondément aimées.

Lidia, à peine atteint l'âge, où l'enfant fait place à la demoiselle, s'était éperdûment éprise d'un jeune médecin, Yves Decrais.

Le disciple d'Esculape, ému du grand amour vrai qu'il sentait vibrer dans ce cœur d'enfant, qui était à lui tout seul un doux enigme, s'adonna à tout hasard à ce jeu d'amour.

Yves aima en elle les subites colères, les caprices bizarres, pleins de sentiments, les tendresses soudaines, les larmes nerveuses, l'esprit argué, l'âme en un mot de la femme intellectuelle.

Lidia avait des cheveux châains, des yeux pensifs, une bouche finement ciselée entre deux lèvres exquises illuminant dans leur sourire un visage mignon et divinement gracieux; ses mains et ses pieds étaient deux bijoux minuscules et toute sa personne ne formait qu'un modelé parfait.

Mais, lorsqu'aux côtés de Lidia apparut la personne élancée et enjouée de Julienne, le cœur de Decrais sursauta et quasi par enchantement il oublia son amour pour Lidia, pour se livrer entièrement à la nouvelle venue.

Les cheveux blonds de Julienne le captivèrent, ses yeux

verts, pleins de rêves, lui arrachèrent la paix, sa bouche rose dans son cadre neigeux devint une obsession. Il aima Julienne, il l'aima comme un fou, elle aussi ne put résister à cette flamme dévoratrice qui incendiait leurs deux âmes. Elle répondit à l'amour par l'amour, et devint ainsi coupable de perfidie et de trahison, puisque consciencieusement elle enlevait l'homme cher à son amie, l'homme qui était tout pour Lidia, santé, vie, âme.

Sans aucun scrupule Julienne s'enfuit emmenant Yves qui peu de temps après s'unit à elle par les liens indissolubles du mariage; ils s'aimaient et ils s'aimaient, encore aujourd'hui, comme aux premiers jours; elle était jalouse de cet homme qui lui coutait une trahison, elle était constamment fiévreuse à ses trousses de crainte de trouver jamais dans les yeux de son mari un commencement de lassitude. Julienne vécut ainsi une vie febrile et pleine de spasmes. Le souvenir de Lidia abandonnée dans sa douleur la minait de plus en plus, lui légant des instants de désespérance, des heures tristes abondantes d'amères larmes, des incubes douloureux qui l'affaissaient des semaines entières.

Pourtant elle n'avait jamais plus entendu parler de Lidia, qui, dès l'annonce officielle de leur mariage, s'était réfugiée ailleurs.

Mais voilà que ce matin même, après six mois, Julienne avait reçu une lettre dont l'écriture la fit tressaillir.

—L'écriture de Lidia ! s'écria-t-elle, presque en défaillance; puis, nerveusement, décachetant l'enveloppe, elle lut en pâlis-

«Julienne

«Je suis morte, sans t'avoir pardonné. Viens vite me voir :
«je le veux. Tu m'as enlevé l'homme que j'aimais; moi, je
«t'enlèverai la paix future. Entre toi et Yves je me dresserai
«constamment en spectre fatal du remords.

«Seule tu m'as tuée et j'ai désiré mourir ici, dans ta même
«ville, pour être certaine de recevoir ta dernière visite: — je veux

«laisser dans ton esprit un stigmate ineffaçable de mon souvenir.

«Sache que j'emporte dans la tombe une rancune sans trêve.

«Viens : je t'attends.

Lidia.»

C'était bien elle qui lui écrivait, qui l'appelait ; et Julienne, dans l'espoir de la trouver encore vivante, était accourue comme galvanisée chez son amie.

Elle l'avait revue, mais morte, réellement morte : son front glacé qu'elle voulut embrasser le lui dit ; les cierges allumés, les fleurs languissantes sur son cadavre le lui dirent.

Et alors le souvenir de ce visage, à expression impénétrable, dont les lèvres amincies paraissaient sourire d'un rire méchant, était resté douloureusement empreint dans son âme.

Lidia avait dans ses traits, au moins pour Julienne, un je ne sais quoi d'étrange et de dur ; Julienne n'avait pu recevoir le dernier baiser de la morte : elle avait été absente à l'heure suprême où Lidia rendait l'âme, à cette heure où tout s'efface et où toute rancune s'effondre.

Mais Julienne n'avait pas été appelée pour être pardonnée : la morte l'aurait fait peut-être, si Julienne aurait crié, pleuré, secoué l'enfant qu'elle avait autrefois jalousement pressé dans ses bras, — qui sait ? elle aurait obtenue le dernier baiser de la morte, ce baiser qui ne sent plus la terre, ce baiser qui relie la tombe à la vie.

Le destin s'y était opposé ; elle arrivait trop tard, appelée tout expressément par la morte pour la voir dans son dernier accoutrement en guise de défi et ne pas obtenir son pardon.

Sans pardon. Le remords lui restait. Julienne s'était jetée à deux genoux près de sa malheureuse amie, elle avait imploré pardon : mais Lidia était restée impassible dans son immobilité, elle n'avait pas répondu, elle n'avait pas pardonné, inflexible maintenant plus que jamais.

Julienne alors s'était enfuie comme une folle : elle sentait

que dès ce moment ce ne serait plus la pensée d'une vivante addolorie qui serait venue offusquer son bonheur; mais la vision d'une morte tuée par elle — misérable femme.

Yves qui venait d'entrer, surprit sa femme en cette posture folle et pitoyable :

—Julienne, Julienne, ma chérie, mon adorée! que se passe-t-il? Parle: mais tu as la fièvre!... tu trembles toute!... viens, viens te reposer...

Et avec une profonde tendresse il voulut donner à sa femme un baiser: mais elle le repoussa dans un muet désespoir, murmurant:

—Sais-tu, Yves? Lidia est morte! sans m'avoir pardonné! oui: Lidia, elle, la petite enfant que tu as aimée, qui est morte pour toi, me haïssant!...

À ces mots Yves pâlit, trembla, et une pensée nostalgique traversa son regard: il revit Lidia, pleura, et une douleur aiguë lui lacera le cœur.

Julienne qui observait son mari, à cette vue, se sentit défaillir, car elle lut et comprit sa condamnation.

Yves aimait encore Lidia. Yves la regrettait, la désirait peut-être, et elle qui souffrait tant, qui était rongée par le remords d'avoir fait une malheureuse, d'avoir tué une âme d'élite... à elle tout confort était exclu.

Où trouver un refuge, si Yves lui-même l'abandonnait, où deverser la douleur de son âme, si Yves pleurait aussi l'enfant morte?

Julienne, aux prises à toutes ces émotions, voulut se lever: mais elle retomba sur les coussins sanglottant dans un désespoir déchirant et plein d'abandon de soi-même.

Yves, incapable de proférer un mot de confort et de consolation, mécontent de sa femme, désireux de vivre un instant dans le pieux souvenir de la morte, s'éloigna lentement, lentement, de la maisonnette...

(Fait à Blacourt).

De J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA :

Resurreição

(Ao grande poeta e amigo, a Carlos de Lemos)

Ephebo!

Ephebo, eu vi-te voar do lar materno,
Como aguia que examina a Immensidão;
Vi-te passar debaixo do Trovão;
Vi-te deixar o Céu; soffrer o Inferno!

Vi-te depois, com vento mais galerno,
Dilatar, numa esp'rança, o coração,
E entrar nessa ineffavel mansidão
Que vem do Amor feliz, do Amor eterno.

Hoje, vejo-te em cima, nas alturas,
Como um deus sobre o altar do Sentimento,
Emquanto eu vivo, estólido, ás escuras.

E' que tu, que és um leão do Pensamento,
Em Ruy e Anhelis tens tantas doçuras,
Como estrellas tem Deus no firmamento!

O Amor, quando realisa a sua obra,
Tem só, só uma cobra
De que temer-se—e cobra malfazeja
Que, aos uivos, se desdobra...
E' a ferina, a amaldiçoada Inveja!

I

O Sol, como uma festa, innunda a Capellêda.
 E ella, branca, sorri; e ella, branca, segreda
 Não sei que versos d'ouro ao valle, que a circunda:
 A tarde é mansa e quente, e meiga paz profunda
 Alastra, como um Mar, até Villa-Marim.
 O Céu lembra um vestido, o panno azul-setim,
 Com um brilhante ao centro; e as montanhas d'além,
 Unidas, como irmãs ao pé de sua Mãe,
 Saturam-se de luz, de raios, de scentelhas,
 Dando o perfume inteiro á gula das abelhas.
 Aqui e alli, lembrando um sonho adelgaçado,
 Um regato se escôa, ás curvas, sobre o prado,
 Cortando, em vario golpe, a rorida campina;
 Requebra-se, fulgura, e esconde-se; e a collina,
 Que enamorada está da brisa que a refresca,
 Todo o regato bebe em sêde gigantesca!
 A Capellêda! Um sonho obscuro e inolvidado!
 Uma pagina azul do mais gentil Passado,
 Rasgada pelo Tempo—oh! se o Tempo é o Destino!—
 Morto echo d'uma Torre, echo morto d'um Sino,
 Tão vibrante e febril, e que não mais revibra!
 A Capellêda! o vôo da Pomba que se libra
 Lá em cima, lá tão alto e, de repente, desce,
 Sem canto, sem olhar, tão céga, que parece
 Um pedaço do céu, se o mutilasse o Inferno!
 Triste folha dispersa, oh Capellêda! o Eterno
 Não tem Eden melhor nas penhas d'este Mundo,
 Ermo como a Virtude, e como ella jocundo,
 Saudoso como o Luar, de que és talvez um trecho,
 E augusto como a Dôr que, a soluçar, remexo.
 A Capellêda!... E foi alli que o pastorinho,
 Nesse dia de sol, d'extasis, de carinho,
 Ouviu á Mãe:—«Meu filho! a Vida é uma torrente;
 Nasce, ás vezes, da Flor, tranquilla e docemente,

Para estorcer-se logo em turbilhões de espuma:
 Uma vez, rasgando as serras, uma a uma,
 Até morrer no Mar, tão vã como a ambição;
 E, outras vezes, enchendo o grande campo chão
 De seiva juvenil, remurmura e feliz,
 Voltando, a regemer, ao céu do seu paiz.
 E's torrente; has-de andar, correr, espummejar,
 Ou tragada no rasgo herculeo do alto Mar,
 Ou, de lyrios coberta, enfim voltar-me ao seio.
 E' um fadario geral — da espuma e do gorgueio —
 Ou succumbir no Abysmo, ou regressar altivo...
 Querido Ephebo! filho: é por ti qu'inda vivo;
 Só por ti luctarei, como a folha açoutada
 Pelos ventos febris da rispida nortada! —
 E o Filho: — «O' minha Mãe, minha adorada Mãe,
 Eu era tão feliz! vivia aqui tão bem!
 Na brisa, que murmura, ouvia-te rezar;
 No rio, que deslisa, ouvia-te chorar;
 Na estrella, que scintilla, eu lia o teu amor;
 No pinheiral, que freme, os ais da tua dôr.
 Se esplende a luz do sol, vejo-te o coração;
 Se é a Lua que verte o limpido clarão,
 Como taça de neve em plena immensidade,
 Leio a tua Paixão, leio a tua Saudade!...
 Mas é força partir: é força que atravesse
 Um trecho do Infinito, a labutar na messe
 Onde, entre espinhos, flôre o lucido Trabalho.
 Lagrimas?! Isso não. Bebâmos esse orvalho,
 Se eu fôr morrer no Mar, ou tu voar ao Céu!
 Adeus, ó minha Mãe! As per'las d'esse véo,
 Que dos olhos te desce ao meigo rosto branco,
 Levo-as na alma, a fulgir, já que eu não as estanco,
 E, nas sombras da serra, a noite bem entrada,
 Se a Treva me cegar, d'ellas faço a Alvorada.
 Adeus, Mãe! adeus, Mãe!... Adeus!...» — O sol cahia:
 Cac um Sonho de Poeta, e um mero sonho é o Dia;

E, como o Sonho deixa um lago que é de pranto,
Viera a Lua empogar as lagrimas a um canto.

II

Estava longe Ephebo, longe e triste.
Meditabundo, d'um supremo viso,
O Mundo via tal qual elle existe.

Via o Inferno! O radioso Paraíso,
Quem lh'o déra alli ter, como um alento,
Num afago da Mãe, num seu sorriso!

Quiz cantar: e gelou-o torpe vento;
Quiz sorrir: e transiu-o a Bacchanal;
Quiz amar: e perdeu o Sentimento.

Ergueu-se; quiz fugir p'lo florestal,
Anciosamente, á busca do seu Lar:
E um riso de desdem, riso infernal,

Um riso cynico o mandou parar.
—Quem és? quem sois?—disse elle, num aneio,
Os olhos fitos no cachão do Mar.

E um côro de loucuras logo veio
Rugir-lhe aos pés: —«Eu sou o grande Mundo!
Tens azas? Corta-as: perde o teu gorgoio!

Vês astros? Enceguêce: olha p'ra o fundo,
Que tudo o mais é Sonho, é vil Mentira,
Tudo, irrisorio espasmo gemebundo!—»

—«Mas eu tinha uma Lyra, ai! uma Lyra
Que abalava os crystaes da Capellêda

Com ecos de quem chora, ou quem suspira,

Tão dōces, que a floresta inda os segreda!...

Ah! perguntae-o ás brisas d'alem-monte,

A toda a serra em flôr, á azil verêda

Que leva ás frescas sombras d'essa fonte,

Onde eu amei as ovelhinhas alvas...

Ide ainda sondar todo o horisonte,

Vibrante dos meus canticos: as malvas,

Os rosmaninhos, todo o meu amor,

Que tu, ó Sol, com pura luz dealbas!»—

—«Se essa Lyra, na febre do Rancor,

Ou da escura Paixão, lasciva, hedionda,

Póde ter ancias de ferino Açor,

Volupias de marmorea Fredegonda,

Ou uivos de espumante e negra praga;

Dedilha-a: porque vences toda a Onda;

Porque és nave infernal; domando a vaga;

Porque és a Infamia, assucarada e linda,

Matando com o mel que nos afaga.

Se era assim que cantavas, canta ainda!

Se era assim que sonhavas, sonha mais,

Porque o Mundo é de quem com fel o brinda!» —

E Ephebo viu fulgir, como punhaes,

Dentes de languidas rameiras baças

Que veneno pediam, sempre aos ais!

Viu monstros a esgotar eburneas taças,

Virgens vendendo as pômas, ullulando,

As mães vendendo as filhas, ás negaças.

Viu a Cruz sob a Espada, escabujando,
O Direito a expirar aos pés do Crime,
E a Luxuria, no fundo, gargalhando.

A um canto, lobrigou um velho Vime...
—«Tu quem és?...»—«O Dever!... morrer me sinto...—,
E atirou-se ao golphão, com ar sublime.

Viu anjos brancos.—«Vós, quem sois?»—«Coryntho
Manda-nos aos mercados do Prazer.
—«E a Grecia? e a nossa Patria?»—«Um facho extinto,

Um trapo á beira-mar, que ninguém quer!...»—
Ouviu rodar um trem.—«Quem vai ahi?»—
—«Uma Mulher de neve p'ra aluguer!»—

E Ephebo já não chora, e já nem ri.
Immerge-se no Mar que breme em torno,
Na selva que se estorce ao pé de si.

Suffoca-o tanto fluido espesso e môrno,
Dá-lhe vertigens tanta febre ardente,
Céga-lhe o olhar tanto sinistro adorno.

Vai perder-se, morrer no mar fremente;
Uma dôr torva lhe apunhala o peito:
A saudade cruel da Mãe ausente;

Da sua Capellêda; do seu leito;
Da linda fonte, branca e murmurante ..
Do seu jasmineo lar, tão satisfeito!...

Vai morrer, como um crente vacillante,

Como um estranho Martyr indeciso,
Como a prêsa d'um Tigre, num instante!...

Saudades? Mas de quê? Do Paraíso?
Quem sabe se foi Sonho enebriante
Que lhe deixou da Mãe todo o Sorriso,

Para levá-lo ao Inferno, como ao Dante?!
Adeus! A Treva sóbe. O Mar espanta.
Lama na bocca. Deus dorme-lhe. A'vante!

Mas, nisto, Ephebo sente uma mão branca...

III

Mão branca, rosto d'Archanjo,
Mão branca, auréola divina...
Todo o seu olhar domina,
Como o Infinito, se o abranjo!...
E uma voz d'ouro, tão timbrada e doce,
Como se fosse
Voz peregrina
D'um Peregrino biblico,— d'um Anjo!

Tem lagrimas pela face,
—Astros desfeitos a um grito...
Decerto vem do Infinito
Por ordem que Deus mandasse...
O seu olhar genial penetra e assombra,
Igual á alfombra
Do Oásis bemdicto
Num deserto, onde a gente agonisasse.

Está muda; e tem um canto
No resplendor do frontal;
Não falla; e a voz de crystal

Goteja-lhe até do manto.
 Vôam-lhe as cômas num deslumbramento,
 Qual Pensamento
 D'Amôr ideal
 Que as maguas filtra ao mais amargo pranto.

E Ephebo:—«Mas tu, quem és?
 Quem és tu tão linda e mésta?
 Vens da sagrada Floresta,
 Onde resplende Moysés,
 Onde Jesus se abraça á Mãe sublime,
 Roubar-me ao Crime,
 Visão honesta?
 Ah! Deus t'ò pague! Aqui me tens aos pés!

Nem sei como eu te mereço,
 Nem sei o que dar-te em troca
 Dos carmes que nessa bocca
 Soletro já com apreço!
 A minha vida inteira é nada, e eu só almejo
 Dar-t'a num beijo,
 Com febre louca,
 Febre que faz com que eu todo estremeço!»—

E Ella, grave:—«Eu sou Beatriz,
 A Flor do genio de Dante:
 Vivo no céu fulgurante,
 Co'os Espiritos subteis.
 Ao pé de mim, sonhando, vive Ophelia...
 Chamo-me Anhelias;
 Desci, Viandante,
 Para levar-te ao meu e ao teu Paiz!

Tens versos d'ouro! Eu ouvi-os,
 Como ao soluço d'um Mundo,

Como ao ai d'um moribundo
 D'entre desfeitos navios !...
 Quiz ver-te, e vim amar-te ! Ephebo, vamos,
 Com verdes ramos,
 Do Mar profundo
 Ao Sonho, ao Lar dos nossos lindos rios !»—

E, já nisto, iam subindo,
 Como sóbem dois Eleitos,
 Unidos as mãos e os peitos,
 Iam subindo e sorrindo...
 Viam astros, outeiros, lymphas, prados,
 E, enamorados,
 E, satisfeitos,
 O Céu lhes era cada vez mais lindo.

Depois, fizeram o Lar
 Com esp'ranças e com beijos;
 Argamassaram-no a harpejos,
 E quedaram-se, a cantar...
 De enlaces d'astros nascem sempre estrellas...
 Bella entre as bellas,
 Toda lampejos,
 Uma estrellinha veio então brilhar.

E, oh céos ! harmonias mellicas,
 D'um dulçor que não se exprime,
 Desferem no tom sublime
 De gnomos, d'almas angelicas...
 E vôam, solta a côma d'aurea sêda,
 A' Capellêda,
 Para que rime
 Com elles sua Mãe volatas célicas !

E a santa Mãe, que chorava
 Ao pé da fonte azulina,

No vértice da collina
 Que todo o céu perfumava;
 E a santa Mãe que a Ephebo, num arranco,
 Já via branco,
 A' luz ferina
 D'um inclemente abysmo que ullulava...

Viu os tres anjos descer,
 D'azas nitentes, e vir
 A conversar e a sorrir,
 Em saudoso entardecer...
 —«E' o meu Ephebo aquelle?!... Mas... é sonho,
 Porque supponho
 Que vai fugir
 Com dois anjos de Deus, que o quer lá ver.

Mas, nisto, que immenso amplexo!
 Seis braços ternos a cingem;
 Assim, até ramos fingem
 Enlaçados num reflexo!
 Que enlevadas caricias soluçantes!
 Que sóes gigantes
 De luz as tingem!
 Que eloquencia em palavras tão sem nexo!

E Elle:—«O' minha santa Mãe,
 Eis aqui quem me salvou,
 Quem é a Alma do que sou,
 E quem é o Bem do meu Bem!»—
 E Anhelias:—«Anciã dorida e lacrimosa,
 Sou d'elle a Esposa;
 Filha, pois, sou:
 Como te adoro, Mãe, se eu já sou Mãe!»—

Mas a creança então que, só,

Parecia meditar,
Fitando o formoso olhar
Ou nas aguas, ou no pó;
Como um relampago de genio franco
Num poema branco,
Todo a cantar,
Disse, num grito:—«E o Ruy, ó minha Avó?!»—

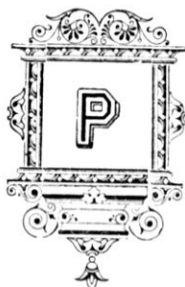
Lamego :

12—VIII—99.



O CHRISTMAS

(Para os pequeninos leitores da Ave-Azul)



OIS é verdade : por muito que vos surpre-
henda, afirmo-vos, meus amiguinhos, que na-
quella grande cidade, naquella grande e ne-
voenta cidade, os pequeninos como vós, este
anno, não teem Natal ; não teem festa de Na-
tal os pequeninos d'aquella grande cidade, d'a-
quella grande e nevoenta cidade !

Nem os princezinhos, de cabellos loiros como espigas e fa-
ces rosadas como auroras, nem os princezinhos, nem os pe-
queninos lordes, que os mais annos era certo, era infallivel
regalarem os seus lindos olhos de saphira no delirio d'essa
grande festa tradicional ; e principalmente, e muito principal-
mente, na contemplação beatifica, extasiada, absorvente, das
offuscantes joias, dos preciosos mimos com que era praxe sa-
bida contentar as suas pequeninas cubiças e satisfazer as suas
grandissimas impaciencias : nem esses, os queridos da fortu-
na, teem este anno brindes, mimos, joias : nada ; não teem
nada.

Debalde deixaram os seus collegios ; debalde fugiram d'a-
quellas sallas frias, d'aquelles frios pedagogos, que os teem
todo o anno opprimidos — pobres coraçõesinhos engaiolados !
— sob a ameaça do junco, sob a ameaça da ferula, sob a amea-
ça do quarto escuro, sob a ameaça acabrunhante dos inevita-
veis castigos : debalde os deixaram, debalde lhes fugiram, neste
dia ao menos, para se acolherem ao seio das boas mamans
amovaveis e reclamarem da sua costumada condescendencia,
da sua generosidade costumada, todas as bellas coisas, todas
as ricas e bellas coisas com que de ha mezes, de ha muitos
mezes, de ha doze longos, doze longos, interminaveis mezes,
andam sonhando, noite e dia, sobre os livros e sobre os tra-

vesseiros, aquellas doiradas cabecinhas phantasiosas, que são como cortiços engrinaldados de chrisanthemos, d'onde as abelhas enxameassem sob o esplendor real do sol muito alto: debalde; tudo debalde! baldados os acariciados sonhos; baldadas as vigílias devaneadoras; e as vivas anciedades, os fundos alvoroços, as longas jornadas, as lagrimosas instancias, baldadas tambem; tudo baldado.

D'esta vez, meus lindos amores, d'esta vez as suas boas mamans amoraveis por joias só lhes deram lagrimas; por mimos só lhes deram beijos; por festas só lhes deram o regelado espectaculo da sua regelada viuvez e a desvairada angustia dos seus continuos sobresaltos, das suas saudades interminaveis...

E por muito preciosas que essas lagrimas fossem, nenhuma fada bemfazeja as veio metamorphosear em perolas e diamantes que lhes deslumbrassem a curiosidade; por muito deliciosos que fossem esses beijos, nenhum genio amavel correu a converter-lh'os em fructas e doces que lhes saciassem a gula; nem por mais inoportunos, por mais descabidos, por mais desarrasoados que esse tristissimo espectaculo e essa angustia desolada fossem em tão festivo dia; por mais absurdo que tudo isso fosse nesse dia que a tradição fizesse o Carnaval das creanças: não houve nenhum magico prestigioso que orchestrasse em largas musicas sonoras os soluços mal suffocados e ordenasse em longas danças vertiginosas os passos desaustinados de desespero e transmudasse, numa palavra, na ruidosa e doidejante bachanal d'outras eras toda a muda e estertorisante epilepsia da dor de agora!

E' como vos digo, meus pequeninos amigos: os vossos pequeninos amigos lá de longe, d'essa grande capital de nevoa e fumo, não gosaram o natal d'esta vez: não tiveram este anno festa: a terça-feira d'entrudo foi-lhes afinal sexta-feira de paixão...

*
* *

Mas porque é, dir-me-eis vós, porque é que então os me-

ninos d'essa cidade lá de longe não tiveram das suas lindas mamans e dos seus ricos papás bellas prendas, como nós, e muitos doces, muitos; e muitos brinquedos tambem? porque foi?... .

—Ora bom é que vos diga que quem organisava todas essas festas e quem distribuia pelas casas todas essas prendas, não eram afinal as fadas, nem os genios, nem os magicos; não eram: quem era, era o Menino-Jesus; era o lindo Menino-Jesus que, todos os annos neste dia, como em igual dia ha desenove centos d'annos, descia do ceo á terra, acompanhado de todos os anjos mais pequeninos que lá em cima lhe fazem companhia e brincam e jogam e saltam com elle; e depois, cá em baixo, andava então de terra em terra e em cada terra de casa em casa, desde a meia-noite até sol nado, preparando tudo, dispondo tudo, e aqui e alem e em toda a parte distribuindo o que os anjos trazem: para os pequeninos guelosos os pasteis e as fructas com que durante o anno o presentearam os sanctos confeiteiros e os sanctos lavradores do Paraíso; para os brincalhões pequeninos os carros e cavallos, os tambores e bonecos que o senhor seu Papá, o sancto carpinteiro, lhe arranja nas horas vagas para elle se entreter; e para todos os que são pequeninos como elle, lindos vestidos e lindas coisas, todas as lindas coisas e todos os lindos vestidos com que a sua rica Mamã, a Virgem-Nossa-Senhora, usa vestil-o e enfeitall-o todos os dias para regalo e encanto de seus amourosos e encantados olhos.

E não era só isto; não era. Como elle bem sabe, por experiencia propria, quanto vocemecês, meus doidinhos, se pelam por historias e cantigas, por lindas e interessantes historias e por cantigas lindas e embaladoras, vinha então elle, o pequenino e bom Jesus, e vae então, que fazia? entrava pela madrugada nos quartos das lindas mamans e das velhas avosinhas e punha-se-lhes a repetir-lhes e a ensinar-lhes, emquanto ellas dormiam regaladamente, em sonhos, umas ricas historias, muito curiosas, com que os sanctos patriarchas centenarios lhe espantam o somno e o distrahem nos largos e

aconchegados serões paradisiacos; e ia-se depois ás creadas e bonnas e todo elle era desfiar cantigas e mais cantigas, todas muito requebradas e muito harmoniosas, cantigas de fazer chorar e rir a um tempo; uma consolação! Pois se ellas eram as cantigas com que as onze mil virgens, lá no ceo, todas as noites o emballam e adormecem, quando chegam as horas de ir para a sua fôfa caminha e de fazer óhó! Imaginem o que não seriam de lindas essas lindas toidas enternecedoras ..

Pois ainda se não ficava por aqui. Como afinal nós cá a gente (porque neste ponto somos nós como vocês, meus ventresinhos insaciaveis!) como a gente afinal, só quando tem a barriga cheia, é que está deveras satisfeita, o bom do Menino Jesus pegava e trazia consigo lá de cima todas as aves que lhe andam por lá aos bandos nos terraços do Ceo e todos os rebanhos que se regalam com a verde relva perfumada das celestes pradarias e todos os vinhos e licores que desde Noé lá se estão nectarisando nas velhas adegas da Eternidade: e ia-se-nos ás frasqueiras e enchia-nol-as; e ia-se-nos ás capoeiras e enchia-nol'as; e ia-se-nos ás lojas e enchia-nol'as; e ia-se-nos aos pombaes e enchia-nol'os: e era depois, pela manhã, toda uma solemnissima alvorada de pios, guinchos cacarejos, mugidos, grunhidos, berros, toda uma gritaria infernal que nos accorda com toda a semcerimonia e faz crescer a agua na bocca á gente logo desde pela manhãzinha, em jejum.

Pois se elle era, por todos os lados, nedios leitões, ricos cabritos, gordos cordeirinhos, espaventosos perus e gallinhas e patos e pombos e perdizes e tudo, que era um louvar a Deus: que até o pobresinho, por muito pobresinho que seja, tem sempre neste dia, como bem sabeis, a boa da gallinha para deitar na panella ou o bello do leitão para metter no forno!

E então naquella cidade, na tal cidade que eu vos disse, aquillo era por demais; era mesmo uma perdição!

Valha a verdade, se isto assim era e se isto assim é, não é nem era, porque uma coisa assim fosse muito do gosto do

Menino-Jesus, que bem se doia afinal de ver matar os animaesinhos: mas, em summa, aquelle dia era aquelle dia: um dia grande; um dia de festa; um dia de rija festa a valer como não ha outro, como não ha nem pode haver outro assim que tão de festa seja. E, como vos ia contando, o bom Jesus fechava os olhos; fazia que não via... E naquelle dia todos sem excepção, era do estylo, peccavam contra a sancta virtude da temperança; lá isso eram favas contadas. Comiam... e bebiam de mais. E o indulgentissimo Jesus — viste tu alguma coisa? viste tu? e tu lá?.. — pois elle tambem não via nada: estava a olhar para a outra banda...

*

* *

Ora d'esta vez, quando o Menino-Jesus, como nos mais annos, desceu á terra, ao dar da meia-noite, a trazer-vos e a trazer-nos todos os ricos presentes que vós agora tendes e todos os deliciosos manjares com que nós todos neste dia nos regalamos, como quer que tivesse chegado, já quasi ao nascer d'alva, ás portas d'essa grande cidade, d'essa grande e nevoenta cidade em que vos eu fallei, ia a entrar nella para fazer tambem por lá a sua generosa distribuição — generosa até á prodigalidade: que aquelle Menino-Jesus dá tudo, tudo quanto a gente lhe pede; que tudo quanto tem não pode elle dar, porque nunca se lhe acaba — como vos eu dizia, ia a entrar nella e... e vae ao depois não entrou! Não entrou naquella grande cidade, naquella grande e nevoenta cidade...

Ora porque seria realmente que o pequenino Jesus não entrou d'esta vez as portas da tal cidade?...

Não foi a escuridão da terra sob a negrura do ceo que o fez fugir: não foi. O amor é como o sol no zenith: onde chega dissipa todas as sombras... E o bom Jesus é todo elle amor. Nem foi tão pouco a tormenta, a hiberneira, o vendaval; não foi tambem. Podem estridir os ventos como toques de clarins; podem estalar os raios como choques de espadas;

e os trovões ribombar como tiros de peças; e os relampagos fusilar como descargas de batalhões; e as arvores, açoitadas pelo vento, estilhaçadas pelo raio, rangerem e gemerem e regemerem como estertores de moribundos; e as aguas, desencadeadas das entranhas do ceo e dos abysmos da terra, rebramarem e rouquejarem e reboarem, ao perto e ao longe, como halalis de victoria e clamores de derrota, amalgamados no mesmo miserere lamentoso da natureza clamando a sua culpa, a sua grande culpa, a sua tão grande culpa! De nada d'isso tem medo o Menino-Jesus: de tudo isso elle se ri, como de coisa que só por sua vontade se faz: queira elle:—e para logo os seus divinos braços, abertos, fazem no ceo um arco-iris; e o seu coração, todo florido, faz na terra uma primavera...

Não foi a tempestade; não foi a escuridão: o que o não deixou entrar, o que lhe poz grande medo, o que o fez fugir muito depressa, e os anjos todos na peugada d'elle, para o pé da sua sancta Mamansinha, foi a guerra dos homens, peor, muito peor do que a guerra dos elementos; foi a noite das almas, peor, muito peor do que a noite dos olhos: porque ha-veis de saber, meus filhos, que só a noite das almas contra a sua vontade persiste e só a guerra dos homens continua contra a sua vontade.

Ora a gente d'aquella terra, os papás d'aquelles meninos, espicaçados pelo odio e pela cubiça, tinham-se ido a fazer guerra a um povo afastado, muito afastado, para tornar seus escravos os meninos d'essa terra e abarrotar os seus cofres com o oiro das suas minas.

E vae então, quando o Menino-Jesus chegou ás portas da tal cidade, não viu senão soldados correndo cheios de sanha e ouviu o tinir de ferros, o rodar de canhões, o carregar de espingardas e os soldados correndo sempre cada vez mais cheios de sanha, como que mordidos da tarantula...

E o bom Jesus então lembrou-se de quando certa noite, ha muitos centos d'annos, viu, no monte das Oliveiras, approximarem-se d'elle uns homens assim como aquelles, uns sol-

dados como aquelles assim furiosos, assim cegos de maldade e de furia ensandecidos...

E teve então medo; e mais do que medo, teve pena, muita pena de que os homens ainda usassem armas e ainda se matassem uns aos outros e fossem uns contra os outros como lobos, como tigres, como leopardos...

E sacudindo o pó das suas pequeninas sandalias, deitou a fugir — para não ver tamanha cegueira: com as lagrimas nos olhos, como na hora em que lhe esaldou a face o beijo de Iscariotes...

E foi assim que os meninos d'aquella grande cidade, d'aquella grande e nevoenta cidade, não tiveram Natal d'esta vez; não tiveram, este anno, no dia de Natal, os presentes que para elles trazia o bom do Menino-Jesus...

*

* _ *

E agora, meus pequeninos amigos, se esta historia vos agradou, uma coisa me ides vós prometter aqui: e é que, quando chegardes a homens e fordes tambem papás e tiverdes nas vossas casas uns pequeninos amôrsinhos assim como vós sois agora, que vos não mettaes em guerras nem penseis sequer em matar os outros homens, que são protegidos do Menino-Jesus como vós; que são como vós filhos do bom Deus; que são portanto vossos irmãos, a quem deveis amar com todas as véras da vossa alma: — para que o pequenino Jesus não deixe sem prendas os vossos queridos bebés; para que os vossos queridos bebés tenham pelo Natal, como vós agora, muitos presentes; muitos doces, muitos; e muitas, muitas coisas lindas...

E ide-me agora em paz; ide brincar, meus pequeninos!

CARLOS DE LEMOS.



À grande alma de poeta

do auctor de Carmencita, sr. Guiseppe Cramegna

«Soave é questa risponzenza di due anime
«che s'incontrano al vertice del medesimo
«ideale e dove il cuore si eleva nella contem-
«plazione di più vasti orizzonti...

(d'uma carta do sr. Gius. Cramegna)

Almas que sobem, d'onde quer que subam,
—Como o seu Alvo é o mesmo lá em cima
E cá baixo a mesma Ancia as unanima
E, voando, os mesmos Obices derrubam :

Como a ellas todas igual Crença anima
E no seu amago igual Sonho incubam
E as negras lagrimas da Vida adubam
Co'o vinho loiro da auroral Vindima :—

D'onde quer que da Terra ellas ascendam,
Hão-de encontrar-se : e encontram-se por fim
Num ponto ou noutro, ainda que o não pretendam...

E pois, que admira, a ser tudo isto assim,
Que as nossas duas almas bem se entendam,
Se o Ideal nos irmana a vós e a mim ? !...

CARLOS DE LEMOS



NATAL

*Gloria a Deus nas alturas e paz na terra
aos homens de boa vontade.*

Natal! a festa da Família, a festa do Coração,—a festa do Amor!

Natal! E alvoroçamo-nos todos a esta palavra: são mais cruciantes as nossas saudades e é mais vivo o nosso desespero, se não podemos ir ter com os que amamos; mas são também mais quentes os nossos beijos, mais effusivos, mais ternos, mais apaixonados os nossos abraços, se temos a suprema ventura de os achegarmos ao nosso coração palpitante.

Natal! onda de luz, vinda d'um berço que era um estabulo; emanada d'uma creança que se tornou um Deus: onda de luz e onda de amor, a illuminar-nos, a aquecer-nos, a erguer-nos para cima a alma esmorecida—para cima, para as regiões mais puras, para os mundos mais perfeitos, para essa mysteriosa felicidade que é o sonho de toda a nossa vida, sempre acalentado, jámais attingido por alguém sobre a Terra.

Natal! E basta fechar os olhos para logo todo o quadro se nos desenrollar á vista anciosa do espirito: lá fóra, sob a forma d'estrella, a luz mysteriosa a brilhar; e dentro, no estabulo, a Mãe radiosa, expondo nos braços, ao extase dos Magos prostrados em adoração, o glorioso filho predestinado que havia de synthetisar, de condensar, excedendo-os a todos juntos ainda, pela humildade, pela resignação,—pela potencia do Amor, em summa—os seus grandiosos e sublimes predecesores, a Rama, a Krisnha, a Hermes, a Orpheu, a Platão, a Moysés...

E ahi o evoca a nossa imaginação—a nossa imaginação, ou melhor, a nossa alma!—já homem, d'uma doce magestade cheia de belleza, vestida a branca tunica dos iniciados, pré-gando, na sua phrase suggestiva, trasbordante de imagens luminosas, os thesouros inapreciaveis d'uma sabedoria toda

espiritual ás multidões sempre avidas, sempre sequiosas do Verbo de Deus que elle encarnava em toda a sua maravilhosa pureza.

Nenhuma dôr phísica que as suas mãos não curassem; e nenhuma agonia moral que os seus olhos não suavisassem: olhos profundos, d'uma potencia de visão nunca egualada; olhos que viam nas almas e que viam nos espaços, para alem da terra, para alem das nuvens, para alem das estrellas, muito para alem...

E toma-nos um pesar fundo, uma como que funda saudade: não termos nós vivido nesses tempos!—para sentirmos, como a Humanidade de então, cahir sobre nós a benção do seu gesto harmonioso, a doçura purificante da sua palavra consoladora, a magia suprema do seu olhar que era um infinito de piedade, todo esse fluido puro que o envolvia, que se evolava, abundante e subtil, de toda a sua pessoa, das suas vestes como do seu gesto, da sua palavra como do seu olhar; fluido tão leve que erguia a gente da terra ao ceo á semelhança d'uma aza: fluido d'uma virtude tão energica que por si bastava a curar as enfermidades dos bemaventurados que pela sua fé conseguiam attrahil-o, por si só, sem que Elle mesmo o soubesse, sem a sua vontade intervir, simplesmente pelo seu desejo de alliviar todo o soffrimento —pela potencia de amor que nelle havia.

Pois não é pelo Amor que Elle converte, que Elle cura, que Elle resuscita, que Elle opera todos os seus milagres?...

Não é com o Amor, que é o Pão do Ceo que alimenta a Alma,—e não com o pão da terra que só o corpo alimenta — que Elle mata a fome de milhares d'homens perto do lago de Tiberiades?...

O Verbo feito carne! e tambem o Amor feito carne, aquecendo, irradiando e deslumbrando como um Sol! soffrendo o soffrimento de todos nessa parcella que de cada um d'elles sentia dentro em si mesmo, e a cada um d'elles dando tambem, do seu proprio ser, uma parcella, para que a humanidade, num raio do seu amor infinito, pudesse erguer-se, subir,

guindar-se até Elle e fundir-se na brasa ardente do seu coração amorosíssimo!

Sol d'Amor que encheu o Mundo; mas que o Mundo tão mal tem comprehendido atégora: Sol d'Amor que ha-de regenerar o Mundo e purifical-o e transformal-o em um mundo perfeito, mais tarde, num dia muito longinquo ainda, mas cuja aurora, ainda incerta, bruxoleante ainda, alguns espiritos ajoelhados num extase já divisam lá muito ao longe, num rasgão das trevas amontoadas, condensadas á volta de nós...

Ah! amemos, para nos approximarmos do Christo, do Mestre sublime de todos os Espiritos! amemos: que o amor far-nos-á grandes, heroes, invenciveis, sagrados — inviolaveis, como a Arca de Deus no Templo-Sancto! E triumpharemos do Mal e da Morte! e sentiremos faiscar dentro em nós essa abscondita parcella da Divindade: e seremos então dignos filhos de Deus assim na terra como no ceo!...

*
* *

Mas a contrastar o amor com que o Verbo de Jesus nos ungiu, mas a fazer calar o côro dos anjos que cantam a esta hora—Gloria a Deus e paz aos homens...—ahi nos vem chegando todos os dias, a paralyzar-nos de horror o coração, o echo medonho d'uma guerra brutal, como uma blasphemia sangrenta... Echo medonho: visão d'estarrecer, pavorosissima: canhões e mais canhões vomitando cataractas de fogo; projecteis, como avalanches cahindo sobre massas de homens, derribando-os; serras de baionetas atravessando corações sem uma hesitação, sedentas de sangue como vampiros; e cavalios e cavalleiros, numa desfilada de energumenos, esmagando corpos agonisantes, cegos, desvairados, bestializados na furia de irem para a frente, de serem elles a foice da Morte, o Genio da destruição...

E para quê tudo isto? para quê?—Para a realisação d'algun alto ideal que erga a Humanidade até Deus? ou, ao menos, para effectuar sobre a terra algum melhoramento social?

Não: nada d'isso. Simplesmente para satisfazer as cubiças de meia dúzia de desnaturados: cubiças hipocritamente disfarçadas sob a máscara do mais refalsado dos altruismos.

Pois que outro nome se ha-de dar ao insidioso pretexto com que a Inglaterra julga encobrir aos olhos do mundo indignado a sua nefanda fome de ouro, a sua luciferina ambição de supremacia ? !

Civilisar o Transvaal ! Mas esse heroico, esse sublime povo, pela sua alta humanidade — e humanidade exercida com os proprios inimigos, com os seus proprios aggressores, o que é mais ! — esse heroico e sublime povo pela sua alta humanidade bem claramente mostra possuir uma admiravel civilisação — aquella que a Inglaterra ignora totalmente — a civilisação moral, a verdadeira civilisação em summa. Sobrios, modestos, leaes, hospitaleiros, virtuosos como legitimos camponeses — como verdadeiros *boers* que são — eil-os, a cada novo arremesso da garra britannica, pondo acima de tudo a independencia, acima do bem-estar e acima da propria vida, e fugindo sempre, fugindo sempre para mais longe, não importa para onde, para o valle ou para o deserto — para onde a terra fosse livre e livres pudessem viver sem a sombra sequer d'uma tutela odiosa. E acossados agora nos ultimos reductos, na impossibilidade de irem mais longe, não tendo já para onde recuar, ahi os vemos a defenderem, como heroes lendarios, a sua terra e a sua independencia que tão caro lhes tem custado, promptos mil vezes a dar a vida até á derradeira gotta de sangue antes do que curvar a cabeça ao jugo odiado...

E o que tem sido essa defesa, a Europa, o Mundo todo o tem dicto, o tem proclamado num brado unisono de entusiasmo e admiração !

E vem-nos a Inglaterra então dizer que só faz a guerra para bem do Transwaal, com o unico intuito de o civilisar...

Mas a civilisação material — unica de que a Inglaterra se pode arrogar o privilegio — a civilisação material que a Inglaterra deu ás suas colonias do Cabo e do Natal, não a attingi-

ram os Boers em menos de dez annos; e sem o concurso da Inglaterra?! ..

Não prova isto que esse pequeno povo laborioso pode progredir, e realmente progride, mesmo materialmente—porque moralmente é fóra de toda a duvida que bem alto estão—sem os bons officios de ninguem, apenas pela sua propria iniciativa? e não prova mais ainda afinal que, se um dia se formarem os Estados Unidos da Africa do Sul, estes a breve trecho hão de, mesmo materialmente, rivalisar com os Estados Unidos da America do Norte, dada a indole laboriosa d'aquelle rude povo, e a amenidade do clima e a fertilidade do terreno e os seus grandes recursos naturaes?

Civilisar o Transwal!

Mas não é pela bocca dos canhões que a civilisação se prega, que a civilisação se espalha, que um povo se civilisa:—isso é explorar, é conquistar, é escravisar... E a Civilisação, essa, é filha da Liberdade—da Liberdade e do Amor!

.....

Oh mansissimo Jesus! quando acabarão as guerras? quando reinará a paz entre os homens?...

Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa-vontade—cantam os anjos de roda do teu berço...

Porque, só quando houver paz na terra, é que o teu Natal será real e verdadeiramente o Natal—a festa da Familia, a festa do Coração, a festa do Amor!

Noite de 24 de dezembro.

BEATRIZ PINHEIRO.



Liga Portuguesa da Paz



Com este fasciculo da *Ave-Azul* tomamos a liberdade de enviar aos nossos presados assignantes da cidade o Programma e Estatutos da *Liga Portuguesa da Paz*, recentemente fundada em Lisboa sob a presidencia da illustre escriptora sr.^a D. Alice Pestana (Caiel); e ainda o protesto contra a guerra Transwaliana, com que iniciou desassombradamente os seus trabalhos.

Que a guerra é o maior dos absurdos, e a maior das vergonhas tambem, neste findar dum seculo que, em grande parte com justiça, é considerado o seculo das luzes — asserto é este que ninguem contesta já; e muito é: mas não é tudo. Preciso é que as ideias de *Pacificação geral*, para a qual teem trabalhado, em todos os paizes da Europa e ainda em alguns da America, os homens de mais alta envergadura moral e intellectual, preciso é que essas generosas ideias desçam das eminencias, onde até esta data se teem discutido, até ás camadas inferiores da sociedade e nellas criem fundas raizes e deem os fructos que d'ellas ha a esperar — o desarmamento e a pacificação, a valer. Porque, emquanto essas ideias não forem do dominio de todos, emquanto o povo, emquanto a classe menos culta, a proletaria, que não tem tempo para pensar, porque todo o sancto dia é pouco para tressuar o negro pão que come, emquanto o povo se não convencer, por uma forma efficaz, de que é forçoso acabar com a guerra que lhes rouba os filhos e em troca lhes dá a fome e a escravidão; emquanto isto se não tiver conseguido, nada de pratico se terá feito: e portanto continuarão, de quando em quando, a sacrificar-se, por mero capricho de estadistas, milhares de victimas a esse Deus-Moloch dos tempos barbaros, cujo abominando culto parece, por um contrasenso inexplicavel, querer reviver em nossos dias: e, apesar de todos os Congressos, Conferencias e Tractados, a Guerra continuará a ser o pesa-

dello de todas as mães e o assassinato — anonymo e desapaixonado : por isso mesmo mais detestavel — o officio infamante a que hão-de ser obrigados os filhos que a gente com tanto disvello cria e educa em sentimentos altruistas para que sejam trabalhadores e bons, por consequencia benemeritos.

Ora a *Liga Portuguesa da Paz*, propõe-se nada menos que desenvolver a propaganda pacifica por todos os modos ao seu alcance: conferencias, publicações jornalisticas e outras, sessões publicas, etc.

Nada mais util e mais sympathico portanto; e ajudarmol-a a realisar tão humanitaria campanha será partilharmos das benemerencias e applausos a que tem jus, como seus dignos cooperadores nessa sementeira de boas ideas para proveito e bem-estar, se não nosso, d'aquelles que deixaremos cá a substituir-nos, dos nossos filhos, nos quaes, por assim dizer, ainda depois de mortos continuaremos a existir.

Assim, honrados com a nomeação de *Correspondentes*, nesta cidade, da *Liga Portuguesa da Paz*, os Directores da *Ave-Azul*, confiados na sympathia com que os tem distinguido e penhorado o publico do paiz, e principalmente o d'esta cidade a que um pertence pelo berço, outro pelo lar e ambos pelo coração — fazem com todo o enthusiasmo um appello a todos os seus illustrados e generosos assignantes para que se dignem associar-se-lhes nesta *guerra contra a guerra* e com as suas adhesões auxiliar a *Liga Portuguesa da Paz* na nobre campanha que ella ha pouco encetou e que, devido aos esforços de seus dignos socios e de nós todos, será forçosamente, num futuro que Deus permittirá que seja proximo, coroado do desejado exito.

E desde já a todos os que nos honrarem com a sua adhesão rendemos as devidas graças.

Os Directores da *Ave-Azul*,
Correspondentes em Vizeu da *Liga Portuguesa da Paz*,

BEATRIZ PINHEIRO
CARLOS DE LEMOS.

DESCENDO



E' um livro de versos de João Lucio que se annuncia para breve.

Quem é João Lucio? Dirão as minhas leitoras.

Dou-lhes, e sem lisonja, a resposta que mais agradavelmente deve satisfazer a sua, aliás d'esta vez, legitima curiosidade:—o João Lucio é um bello moço—bello em toda a extensão da palavra, porque até de rosto é bello...—que eu conheci ha annos em Aveiro, quando elle concluia preparatorios; e esse bello moço que se chama João Lucio é tambem um bello poeta que vim a conhecer ha mezes nas paginas d'um jornal *O Reyno do Algarve*, por elle e outro poeta, de muito merecimento tambem, J. Castanho, fundado em Tavira, alli por fins de agosto, se me não engano.

Pois é verdade: conhecendo eu o João Lucio de ha annos, só de ha mezes é que sei que elle é poeta a valer—e um raro e inconfundivel poeta.

Esta circumstancia só basta a caracterisal-o:—fazia versos; e não m'os mostrava: era poeta; e não m'o dizia...

Pois, em revindicta d'esta reserva que não lhe perdôo—se bem que ella dê o quilate da sua modestia a rivalisar com o seu talento—aqui venho eu coscuvilhal-o ás minhas leitoras, certo de que lhes dou com esta noticia um grandissimo prazer.

O João Lucio vae breve publicar um livro com o titulo *Descendo*. A mim me parece que *Subindo* o devera elle intitular: senão leiam-me esses versos *A Dor das pedras*—primeira poesia que d'elle li e que guardei, para aqui a publicar apenas fosse possivel. Já depois, na *Revista Coimbrã* d'elle pude apreciar mais duas poesias, *Os Nevociros* e *Na pupilla*, ambas, conio esta, d'uma alta elevação esthetica e d'uma superior perfeição plastica, ambas, como esta, dando prova d'u-

ma sensibilidade requintada e invulgar, apesar de humaníssima. Mas, porque a *Dor das pedras* foi a que me deu o impagável prazer da surpresa, quero eu mostrar-lhe o meu reconhecimento, distinguindo-a com a transcrição, que mais valor terá por não estar nos nossos hábitos e ser contra o programma da *Ave-Azul*.

De resto, persuadido estou de que as leitoras, longe de o levar a mal, nol'ò agradecerão: e a mim fica-me a certeza de que mais uma vez se cumpriram as palavras dos Livros-Santos:—*Ecce puer natus est nobis cui nomen est Joannes*: Tem Portugal mais um poeta: e esse poeta chama-se João:—João, como João de Deus; e, como João de Deus, algarvio...

Segue a poesia:

A Dôr das Pedras

Oh pedras, a soffrer, em ancias, nas calçadas,
Ninguém vos sabe amar, ninguém de vós tem dó,
Ninguém sabe entender, oh pedras desgraçadas,
Que ha lagrimas tambem dentro do vosso pó!

Passam, por sobre vós, tanta dôr e alegria,
Olhos em que ha prazer, olhos em que ha tormento,
E ninguém vos consola, e queima-vos o dia
E, quasi sempre a rir, insulta-vos o vento!

E ninguém sabe ver, que pode o infinito
D'uma dôr existir n'uma pedra do chão;
Que pode acontecer que um palmo de granito
Soffra, por vezes, mais que um grande coração.

E vós continuaes soffrendo a vossa cruz,
E eu vejo-vos lançar uma chamma p'r'os Ceus,
Como um grande protesto; oh pedras, essa luz
O que é que vae dizer ao ouvido de Deus?

Eu sei que vós fallaes a Deus, d'esta maneira:
Vossa palavra é luz; só Deus pode entendel-a:
Ha dentro em vós, talvez, uma via-lactea inteira,
Porque, em sentindo dôr, sae de vós uma estrella...

Oh pedras, esperae, que talvez um vulcão
Vos lance, para o Ceu, n'um abalo violento,
E lá pode fallar o vosso coração
E alguém comprehender o vosso soffrimento !

E' ou não é caso para se bradar que se realisou de novo o milagre de Moyses no deserto?—Ao toque da prestigiosa vara, e d'esta vez sem hesitações nenhuma, rompeu das entranhas das pedras, em torrente abundantissima, a agua-doce da verdadeira poesia a matar a sêde d'ideal a quantos pelos areaes da terra vão ensanguentando os pés em demanda da Terra Promettida...

João Lucio:—dê-nos breve, muito breve, o seu livro que indiscutivelmente será um dos melhores livros da nova geração Coimbrã !

CARLOS DE LEMOS



CARTEIRA DA AVE-AZUL

Emanipação da Mulher:—Era nosso proposito pôr ponto no assumpto: não porque estivesse esgotado; mas porque, dando o silencio, e adhesão portanto, dos seus adversarios, insistir fôra pregar a convertidos: e nós temos muito que fazer para gastarmos o tempo em superfluidades.

Como porem, no *Mundo Catholico* se nos apresentam duas damas, sob o pseudonymo de *Rose* e *Ignota*, a fazerem reviver a questão que julgavamos morta, a ella voltaremos—mas só no proximo fasciculo; que neste falta-nos espaço.

E suas ex.^{as} que nos perdoem a demora involuntaria.

* *

O Sonho da Torrente:—Como a *Morte da Avesinha*, tambem este segundo poemeto de José Agostinho d'Oliveira tem merecido de insignes homens de letras portuguezes e estrangeiros calorosos applausos, a que de todo o coração nos associamos. E, pois que particularmente d'isso fomos encarregado, ao nosso amigo transmittimos os agradecimentos pela offerta d'um exemplar da separata—agradecimentos que todos acompanhavam de palavras muito elogiosas—dos srs. Antonio Padula, Thomazo Cannizzaro, F. Italo Giuffré, Prospero Peragallo, Prof. Luigi Zuccaro (que já posteriormente na *Iride Mamertina* lhe consagrou um largo e honrosissimo artigo de critica) V. Emile Michelet (que promete occupar-se dos dois poemetos na *L'Humanité Nouvelle*) e Philéas Lebesgue (que do *Sonho da Torrente* se occupará tambem proximoamente no *Mercure de France*).

Pela nossa parte, a todos elles, assim como aos srs. Giuseppe Cramogna, auctor da *Carmencita* e Prof. Antonio Mary, illustre director da *Eros* que em breve retomará a sua publicação,—o nosso vivo reconhecimento pelas palavras de boa camaradagem e de intellectual sympathia que ultimamente se dignaram dirigir-nos.

* *

Henrique Luso:—D'este nosso presado amigo e festejado contista recebemos ha dias umas interessantes paginas de prosa, *Morta!* a que, bem contra as nossas intenções e desejos, nos foi de todo impresso e de publicidade neste fasciculo.

Irão na *Salla de Visitas* do proximo 1.^o fasciculo da 2.^a serie, assim como as duas encantadoras poesias *Bernardim*

Ribeiro e *Oração do Amor* dos illustres poetas Ribeiro de Carvalho e Jayme Cyrne, dos quaes o primeiro tem em preparação a *Terra-Mater* e o segundo a *Alma enamorada* a entrar no prelo.

Inaugurada sob tão bons auspícios, certos estamos de que a 2.^a serie da *Ave-Azul* continuará a acarear as sympathias dos nossos presados leitores,—para o que, pela nossa parte, envidaremos, como de costume, os maximos esforços.

*
*
*
Xavier de Carvalho:—Tem estado doente, assim como sua Ex.^{ma} Esposa, este nosso illustre patricio e distincto homem de letras que, de Paris onde reside, costuma informar em cartas interessantissimas varios jornaes portuguezes e brazileiros do que se passa digno de particular menção naquella capital que Victor Hugo definiu o cerebro do mundo. Do coração desejamos prompto e completo restabelecimento ao nosso amigo e a sua Ex.^{ma} Esposa, para que o novo anno se lhes inicie em maré de alegrias que por todo elle se lhes prolonguem.

A proposito vem dizer, pois que fallamos do sr. Xavier de Carvalho, que, devido aos seus esforços, inaugurou a *Société pour la propagande des langues étrangères* em Paris um Curso de Portuguez que é regido gratuitamente por aquelle nosso amigo e já muito frequentado por alumnos d'ambos os sexos.

Honra lhe seja!

*
*
*
Homenagens ao dr. C. Pestana e ao dr. Th. Braga:—Quasi simultaneamente realisaram-se em Lisboa, com adhesão calorosa de todo o paiz, aquellas duas festas, uma de profunda saudade, outra de profundo respeito, ambas de glorificação justissima:—aquella ao glorioso sabio que a sua morte tornou um heroe; esta ao glorioso escriptor que a sua vida tornou um Mestre.

Se bem que tarde, a *Ave-Azul* quer deixar aqui consignada a sua calorosa adhesão ás duas homenagens, saudando na morte d'um e na vida do outro a alliança do Trabalho e da Intelligencia—para bem da humanidade.

*
*
*
Assistencia aos Tuberculosos:—Já depois de publicado o fasciculo 11.^o da *Ave-Azul*, chegou a esta redacção uma Circular da Mesa da Assistencia Nacional aos Tuberculosos—que, como é sabido, se acha constituida em Lisboa sob a augusta

presidencia de S. M. a Rainha—pedindo-nos annunciássemos que se achava aberta *até ao dia 25 de dezembro* a subscrição geral para a fundação da Assistencia Nacional aos Tuberculosos e recebessemos as adhesões que na redacção d'esta revista se manifestassem.

Como se vê, o prazo marcado passou já. Como porem, entendemos que a todo o tempo é tempo de auxiliar tão util instituição, damos conhecimento aos nossos leitores de que nesta redacção está aberta subscripção para aquelle fim.

Redacção da *Ave-Azul*..... 2\$000 reis

* * *
Casa Editora Guimarães, Libanio & C.^a:—D'esta importante Casa Editora recebemos ultimamente dois preciosos voluminhos (100 reis o preço de cada) da *Collecção do Povo*: são elles: um *Adubos Chimicos e Estrumes* por C. de Lima Alves—utilissimo a todos os agricultores e assim de largo e incontestavel beneficio para todo o paiz, como conducente que é a melhorar a agricultura d'onde, em grande parte, depende o nosso futuro; outro, *O Transmaal*, seu passado e presente, por Antonio Alves de Carvalho—curiosissimo tambem e sobretudo neste momento em que todos estamos com os olhos anciosos nessa nesgasinha da Africa do Sul, onde o Amor da Liberdade mais uma vez se evidencia em heroismos e a cubica britannica em barbaridades se evidencia.

Aos seus prestimosos editores—os nossos agradecimentos.

* * *

Livros recebidos:—O illustre poeta cançonetista Mr. Pierre d'Amor que nos desculpe: ainda d'esta vez nos não referimos, como desejavamos, ás suas novas Canções: fal-o-emos porem, *infallivelmente*, no proximo fasciculo, em cujo *Registro Bibliographico* apreciaremos tambem um novo recolhimento de sonetos *Pariniana* de F. Italo Giuffré e um bello volume de contos e lendas indianas *Fiori di Loto* do novel mas já distincto advogado e brilhante escriptor sr. Arthuro Trombatore, de Catania.

Por agora, só os nossos agradecimentos pela offerta.

